

ONU pede apoio do Mercosul na defesa dos direitos humanos das mulheres

Em encontro de ministras e autoridades do MERCOSUL em Brasília, a [ONU Mulheres](#) pediu ao bloco regional que apoie e defenda os direitos humanos das mulheres. Para a representante da agência das Nações Unidas no Brasil, Nadine Gasman, respostas dos governos são essenciais para conscientizar a população sobre a violência de gênero.

[\(ONU Brasil, 19/12/2017 - acesse no site de origem\)](#)

“Novos dados, releituras estatísticas, pesquisas refinadas e específicas têm produzido evidências acerca da dimensão dos desafios para os direitos humanos das mulheres na América Latina e Caribe. A região registra as mais altas taxas de violência contra as mulheres fora do casamento e a segunda mais alta dentro do casamento, segundo dados do Observatório sobre Igualdade de Gênero na América Latina e no Caribe”, disse Nadine, lembrando o [relatório recém-lançado pela ONU Mulheres e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento \(PNUD\)](#).

Em média, nos países latino-americanos e caribenhos, uma em cada três mulheres com mais de 15 anos já sofreu violência sexual — uma proporção que chega ao nível de uma epidemia, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS).

De acordo com dados da Comissão Econômica da ONU para a América Latina e o Caribe (CEPAL), em 2016, foram registrados 1.831 casos de feminicídio na Argentina, Bolívia, Chile, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Panamá, Paraguai, Peru, São Cristóvão e Névis, Santa Lúcia, Suriname, Uruguai e Venezuela.

Recordando a recente mobilização dos organismos internacionais para promover a campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher, a dirigente acrescentou que “as reações de governos, sociedade, cidadania, mídia e outros setores continuam a ser etapa crucial para a consciência pública e a responsabilização”.

Brasil: ONU espera ver mais mulheres eleitas em 2018

Para o próximo ano, Nadine chamou atenção para o aniversário de 30 anos da Constituição Federal brasileira. Segundo a especialista, a ocasião “propicia reflexões e mobilizações importantes para os direitos das mulheres, assim como as eleições estaduais e nacional para os Executivos e Legislativos, em que se espera que mais mulheres sejam eleitas”.

Outro marco importante, também em 2018, serão os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Na avaliação de Nadine, as celebrações podem criar oportunidades de debates positivos em meio à atual onda conservadora. “A paridade de gênero depara-se com obstáculos bastante objetivos, mas também com planos e metas bastante definidos e, muitos deles, consensuais”, defendeu a especialista.

Um destes instrumentos é a Estratégia de Montevideu para a Implementação da Agenda Regional de Gênero no Âmbito do Desenvolvimento Sustentável até 2030. O documento considera a paridade de gênero como “pilar central para gerar as condições para o exercício

pleno dos direitos humanos e a cidadania das mulheres”, tendo em vista o “aprofundamento e a qualificação das democracias e a democratização dos regimes políticos, socioeconômicos e culturais”.

[Sou homem e uma colega me conta que está sendo assediada sexualmente pelo chefe: o que faço?](#)

O escândalo do produtor Harvey Weinstein demonstra que esses assuntos não representam casos tão isolados como acreditamos

[\(El País, 19/10/2017 - acesse no site de origem\)](#)

Uma grande mesa à qual se sentam quatro mulheres e cinco homens, um deles o chefe. Batem papo enquanto trabalham e uma das mulheres conta que certa vez, quando era adolescente, montava em um cavalo que saiu desembestado. O chefe, 10 anos mais velho do que ela, sorri, malicioso, e responde: “Você é como um cavalo desembestado, mas eu te domava”. Os homens à mesa riem, ainda que um, quase imperceptivelmente, faça uma careta. Em uma conversa particular, este diz à colega que todos os anos o chefe “escolhe” uma das recém-chegadas e se dedica a persegui-la com comentários, gestos e mensagens eletrônicas.

Não é uma situação imaginária. É completamente real. Neste caso concreto, como no tão falado escândalo de abusos sexuais pelo produtor de Hollywood [Harvey Weinstein](#), tratava-se de um “segredo calado” que se perpetuou durante anos. Mas se algo foi demonstrado com tudo o que foi publicado sobre Weinstein e com as [reações das redes sociais](#) é que esses assuntos não são casos tão isolados como gostaríamos de acreditar, e que a sociedade não só ainda os permite como também os silencia. Em 2013, há apenas quatro anos, o ator Seth MacFarlane anunciou as indicadas ao Oscar de melhor atriz coadjuvantes com esta piada: “Parabéns, vocês cinco já não têm mais que fingir se sentirem atraídas por Harvey Weinstein”. Nem isso fez o alarme soar.

Mas não se trata apenas de [Hollywood](#). Um estudo de 2010 do Ministério da Igualdade da Espanha sobre assédio sexual no trabalho e incluído em um [relatório do Conselho Geral do Poder Judicial](#), destaca “como dado significativo o reduzido índice de denúncias registrado”. Não é algo positivo. Não atribui isso a que o problema seja inexistente, mas sim ao “sistema de crenças sexistas que ainda perdura na sociedade espanhola e que normaliza esse tipo de conduta”.

E prossegue: “As vítimas consideram tão normais certas condutas violentas que se contentam em aceitar que ‘fazem parte das regras do jogo’ entre os sexos”, explica o relatório. Assim pensavam – que era a forma como deviam pensar – muitas das atrizes que se encontraram com Weinstein, assim como muitos dos homens que viram e permitiram que os assédios ocorressem. Agora que o caso se tornou público, graças às reportagens do [The New York](#)

[Times](#) e da [The New Yorker](#), muitos se perguntam por que se calaram e o que poderiam ter feito.

O ciclo é semelhante ao que ocorreu com a [violência de gênero](#) quando ainda era considerada algo que correspondia ao âmbito privado e no qual ninguém deveria se meter. Se atualmente um homem que visse uma agressão física a uma mulher não duvidaria em agir, por que não ocorre o mesmo com o [assédio sexual](#) no trabalho?

Se você é um desses homens que não querem que o assunto seja marginalizado, eis aqui algumas dicas de como agir para ajudar.

Observar

Talvez o comentário em princípio tenha parecido para a colega uma simples brincadeira ou essa aproximação tenha sido vista como um mero gesto de carinho. Mas se você parar para pensar, talvez não seja algo tão normal. Olhe à sua volta e aprenda a observar. Sheela Raja, especialista em assédio sexual, [conta à Esquire](#) a importância de entender as reações da mulher, se devolve o sorriso, se parece incomodada, e explica que, apesar de “não ensinarem as mulheres a dissimular o incômodo”, há sinais indicativos que podem nos ajudar a ver que a situação não é do agrado delas.

“Se uma colega muda de forma brusca seus hábitos (não participa de reuniões sociais, refeições, já não toma café com os colegas, se ausenta de reuniões e viagens, etc.), pode ser um sintoma de que há alguma situação de relação interpessoal problemática, às vezes associada ao assédio”, explica a psicóloga Elisa Sánchez, que coordena o grupo de saúde profissional do [Colégio Oficial de Psicólogos de Madri](#).

Integrantes da associação [Stop Violência Sexual](#) acrescentam que, devido ao fato de as mulheres questionarem que são as culpadas, é muito comum que mudem “sua forma de vestir, ficando mais cautelosas em sua maneira de se relacionar etc. É possível perceber uma sintomatologia ansiosa depressiva, evitando-se o trabalho e especialmente o encontro com o indivíduo, o que às vezes resulta em queda do rendimento profissional”.

Não se cale

É importante que o assediador veja “que sua conduta não é adequada nem compartilhada, que é uma conduta inaceitável, que é um tipo de violência de gênero. Algo que acontece com muita frequência, e que está em nossas mãos mudar, são por exemplo as correntes de piadas ou imagens recebidas por [Whatsapp](#). É preciso fazê-las parar, dizer nos grupos ou para a pessoa que as envia que não tem graça, e que não mande novamente arquivos desse tipo, e sem dúvida não reenviá-las”, explica Antonio Herrera, professor de Psicologia Social da Universidade de Granada e autor de vários estudos sobre assédio sexual no trabalho.

[Emtrain](#), uma empresa que oferece cursos de capacitação a empresas sobre assédio sexual, tem um sistema curioso para avaliar as condutas no âmbito profissional. Trata-se de um sistema de cores: o verde é o que cria um bom ambiente de trabalho, “o amarelo é quando não estamos dando o nosso melhor para trabalhar. O laranja é inadequado, são comportamentos que refletem parcialidade e assédio. O vermelho é ilegal”, explica à [Esquire](#) Janine Yancey, CEO da empresa que assessorou, entre outras, companhias como [Netflix](#). Assim, afirmam, aprende-se a avaliar e deslegitimar os comportamentos negativos colocando o foco nas ações.

Fale com ela

Se você vir alguma dessas situações, com naturalidade pergunte à mulher se está se sentindo incomodada. Este simples fato a ajuda a ganhar confiança. Já não se trata de algo que só ela está percebendo: dá segurança e demonstra que ela não é a culpada. Apesar de que, como afirma a psicóloga Elisa Sánchez, “seja preciso ter muito cuidado com a forma como se pergunta, porque é frequente que a pessoa assediada negue em um primeiro momento por medo ou culpa”. Mas, apesar de dizer que não está acontecendo nada, se o assédio está acontecendo, o interesse demonstrado pode ajudá-la. “Em muitas ocasiões, só demonstrando apoio social, fazendo-lhe ver que não está sozinha e que pode ser acompanhada no processo, é suficiente para se sentir com forças para enfrentar e denunciar a situação”, afirma Herrera.

“É importante não dizer que não tem importância, que aguarde, que logo passa... Esses comentários não só não pararão as condutas de assédio, como os aumentarão”, continua Herrera. Também não tome decisões sem contar com a opinião da mulher. Talvez no momento não se sinta forte o suficiente para denunciar. Nesse caso, Sánchez afirma que uma boa opção é “evitar que fique sozinha com o assediador, permanecer a seu lado em reuniões e conversas, em chamadas telefônicas etc.”. Assim, não só é possível evitar o assédio como também, se ocorrer, ser testemunha, o que ajudaria se a vítima decidisse denunciar.

Denuncie

Em um relatório do Instituto da Mulher conclui-se que de todas as opções possíveis, a resposta mais eficaz é “levar a queixa aos chefes”. Em quase 6 de cada 10 casos em que se tomou essa iniciativa o assédio desapareceu, afirma Sánchez, que continua: “Se na empresa há uma Comissão de Igualdade e/ou um protocolo de assédio, é preciso ativar”. Assim, seria o caso de uma denúncia de caráter trabalhista. Para que se produzisse uma de caráter penal é indispensável a participação da vítima.

É, sem dúvida, a parte mais difícil, pois exige envolver-se totalmente – afinal, é um problema que nos diz respeito a todos como sociedade.

Mas também é a que estabelece a diferença entre o assédio sexual no trabalho ser um “segredo calado” ou simplesmente deixar de ser.

Elena Horrillo

[Site oferece ajuda para vítimas de relacionamentos abusivos](#)

(Portal Fórum, 11/06/2015) O projeto “Livre de Abuso” oferece orientações para identificar relacionamentos abusivos e lista estratégias para quem enfrenta esse tipo de situação em casa, no trabalho ou na escola, independente de seu gênero ou orientação sexual. O trabalho, que é voluntário, se divide entre traduzir artigos e prestar assistência jurídica às vítimas

Inspirado no projeto americano “[Love is respect](#)”, o site “[Livre de Abuso](#)” está no ar desde o último sábado (6), oferecendo orientações para identificar relacionamentos abusivos e buscar ajuda. Bruna de Lara, criadora do projeto, conta que o trabalho é voluntário e desenvolvido por seis colaboradoras, que se dividem para traduzir artigos, prestar assistência jurídica e atualizar as redes sociais.

No site, parentes e amigos de vítimas também recebem orientações para que intervenham de maneira segura nas relações de abuso. A intenção do projeto é aumentar a conscientização acerca do abuso em relacionamentos íntimos, para que as pessoas consigam reconhecer sinais de violência com mais facilidade – seja essa violência física, emocional, sexual, financeira ou digital.

“Houve um dia em que precisei fazer uma busca sobre relacionamentos abusivos e a falta de resultados relevantes me assustou. Foram necessárias horas de busca para achar algum conteúdo e, ainda assim, a maior parte estava em inglês”, relata Bruna de Lara. “Quanto mais via relatos de mulheres – por vezes, conhecidas – que passaram por abuso em um relacionamento íntimo, mais me revoltava por perceber que essa é uma violência muito comum e que não é feito o mínimo esforço no sentido de preveni-la. Quantas mulheres será que poderiam ter evitado relacionamentos assim, ou ao menos saído deles mais cedo, caso tivessem tido acesso a informações objetivas sobre o abuso?”, questiona.

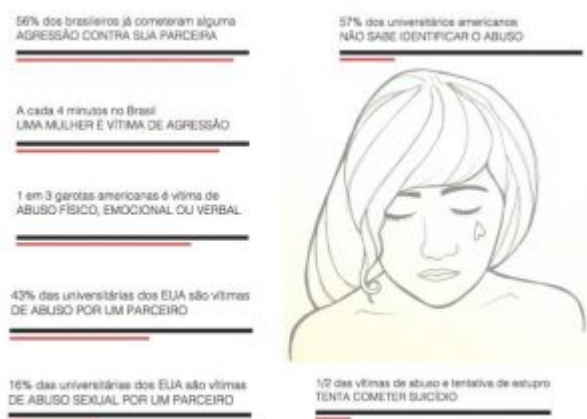


Imagem do site traz dados sobre violência
(Foto: Reprodução / Facebook)

Um das sessões do site também fala sobre perseguições, conhecidas em inglês pela palavra “*stalking*”: quando alguém passa a observar e seguir uma pessoa de maneira insistente, até mesmo pelas redes sociais ou contas de e-mail. “*Stalking* é traumático. Você pode experimentar pesadelos, perda de sono, ter depressão ou sentir que não controla mais a sua vida”, alerta o site. Bruna de Lara critica a banalização dessa violência, que, assim como a violência emocional, ainda não é devidamente reconhecida. “O fato de não termos tido até agora nenhum projeto ou pesquisa voltado para esse tema demonstra isso. As pesquisas sobre violência doméstica, por aqui, costumam focar na questão da agressão física. As pessoas não sabem que a violência doméstica não se restringe a isso ou que o abuso emocional pode ter consequências psicológicas tão graves para a vítima quanto uma agressão física”, explica.

Como a maior parte do conteúdo é traduzido do projeto inspirador, muitos dos dados e

estatísticas ainda são relacionados à realidade dos EUA; para as administradoras do site, a realidade brasileira pode ser similar ou até pior. “Os EUA têm alguns projetos voltados à conscientização, prevenção e apoio às vítimas de relacionamentos abusivos, enquanto nós não temos nenhum”, afirmam. No entanto, Bruna de Lara informa que em breve começarão a produzir conteúdo próprio, voltado para a realidade brasileira e focado nas especificidades dos abusos entre pessoas LGBT.

Uma pesquisa realizada em 2013 pelo Instituto Avon e o Data Popular também é mencionada no “Livro de Abuso”, reunindo dados assustadores: 53% dos entrevistados afirmaram já ter xingado a parceira, 19% declararam ter empurrado e 5% assumiram ter humilhado a parceira em público. Um quadro muito preocupante, levando em consideração que esses números são apenas os casos de abuso declarados – muitos casos de violência simplesmente são omitidos.

Para as vítimas que procuram ajuda, o site lista estratégias para quem enfrenta abusos em casa, no trabalho ou na escola, independente de seu gênero ou orientação sexual. “É importante ressaltar que entendemos que o abuso pode ser sofrido por qualquer pessoa, não apenas por mulheres em relacionamentos heterossexuais. Entretanto, os dados nos mostram que mulheres, principalmente entre 16 e 24 anos, são as maiores vítimas desse tipo de violência. No Brasil, mais de metade dos homens de todas as classes sociais já cometeu algum tipo de agressão contra uma parceira”, ressalta.

Bruna de Lara também afirma que o projeto é feminista, pois tem como objetivo empoderar mulheres. O grupo do “Livro de Abuso” entende que a violência em relacionamentos íntimos é uma faceta comum da violência de gênero, proporcionada por uma sociedade machista e que ensina os homens a verem suas parceiras como propriedades.

Além disso, Bruna critica o papel da mídia na banalização dos abusos: “O relacionamento extremamente abusivo retratado em 50 Tons de Cinza, por exemplo, é vendido como um conto de fadas apimentado, ao qual toda mulher moderna deve aspirar. Por aqui, podemos citar o caso da Revista Capricho, que há 3 anos publicou um relato de abuso sexual como uma história de “primeira vez que deu errado”. Existe também um episódio de Malhação que é emblemático: um garoto sequestra e mantém sua ex-prisioneira para reconquistá-la e o site oficial da Globo divulga a história da seguinte forma: ‘Ufa! Pedro consegue capturar Karina – A esquentadinha se debate, mas a galera consegue colocá-la dentro de um saco’”, exemplifica. “Tudo isso faz com que os diferentes tipos de abuso sejam vistos como algo menor ou nem sequer sejam reconhecidos como abuso”.

Apesar das dificuldades para conscientizar a sociedade, o site já recebeu diversos depoimentos de vítimas que desejam compartilhar relatos para ajudar outras pessoas, além das que procuram assistência jurídica. Assim, passo a passo, as voluntárias do projeto desejam deixar claro que a culpa pelos abusos nunca é da vítima. “Caso você esteja nessa situação ou conheça alguém que esteja, procure as orientações dadas em nosso site e, se possível, não se cale: ligue 180 e denuncie”, conclui Bruna de Lara.

Jarid Arraes

Acesse no site de origem: [Site oferece ajuda para vítimas de relacionamentos abusivos \(Portal Fórum, 11/06/2015\)](#)